

Moreno, Sarah (2024). A incômoda presença dos pombos
no Porto de Santos. Cotia: Margem da Palavra.

Matheus Henrique Pereira da Silva

Doutorando em Antropologia Social/Universidade Federal de São Carlos

<https://orcid.org/0000-0002-7777-4675>

matheusk11@hotmail.com

Se, ao longo da história, alguns antropólogos vêm se preocupando em seguir os animais e os múltiplos relacionamentos em que estão envolvidos – conforme a diversidade de perspectivas, sociedades e naturezas –, o trabalho da antropóloga Sarah Moreno, lançado recentemente, propõe acompanhar aqueles outros-não-amados (*unloved others*) (Rose & van Dooren, 2011): seres que escapam de nossas afetividades cotidianas e que, por vezes, nos levam a desprezá-los, ignorá-los ou mesmo matá-los. É o caso dos pombos (*Columba livia*) no Porto de Santos, localizado no litoral sul do estado de São Paulo, analisados para além de suas simbologias e representações figuradas. Seus vestígios, presenças e ausências “incômodas” movimentam diversos agenciamentos, que vão desde a água, os grãos e os órgãos de controle sanitário até a própria infraestrutura.

Esses “animais que não servem para nada”, segundo a visão de alguns trabalhadores do Porto (Moreno, 2024, p. 96), colocam em evidência a problemática de como viver juntos em espaços variados, complexos e conflitantes, de onde emergem comunidades multiespecíficas. Como apontou Felipe Vander Velden no prefácio do livro: “que tipo de domesticidade é esta da qual boa parte da sociedade pretende se ver livre?”. Afinal, o que pode um pombo, enquanto agente e signo, em um novelo de práticas material-semióticas nas paisagens portuárias?

Essa indagação de inspiração deleuziana conduziu a antropóloga a realizar uma etnografia no Porto com o objetivo de escapar ao excepcionalismo humano – desde o cotidiano de observação até a escrita antropológica. Nesse percurso, Moreno descreve o mundo de outros organismos enquanto acompanha médicos-veterinários, membros

da segurança do trabalho, artistas, fotógrafos e demais trabalhadores que a ajudam a descortinar o universo dos pombos.

Em certo sentido, a autora busca, por meio das “artes da atenção” (van Dooren, Kirksey & Munster, 2016), cultivar habilidades para prestar atenção aos outros – não-amados e às suas capacidades de responder significativamente nas relações que se estabelecem nas paisagens portuárias, tecidas e perturbadas por sua presença incômoda e pelos vestígios das aves. Ao praticar as artes de perceber, a antropóloga procura sintonizar múltiplos ritmos, vozes e relacionamentos simultâneos com os mundos de seres não humanos que se tornam visíveis ou sensíveis no cotidiano: pombos, humanos, grãos, farelo de soja, poças d’água, tecnologias de controle das aves, bem como suas classificações e nomenclaturas.

Desse modo, o livro está estruturado em três capítulos e busca enfatizar os “emaranhamentos aviários” (van Dooren, 2014), convidando a uma compreensão mais profunda das aves em relação ao Porto, à vida na cidade e à ecologia e economia local. Trata-se, portanto, de pensar como humanos e animais estão entrelaçados às paisagens e de que modo “tornam-se juntos” em um mundo compartilhado (Haraway, 2008).

No primeiro capítulo, a autora apresenta sua inserção em campo a partir dos contatos com as autoridades portuárias – em especial, trabalhadores da Codesp (Companhia Docas do Estado de São Paulo), sobretudo técnicos portuários e médicos-veterinários envolvidos no programa de controle de animais considerados “sinantrópicos”. De acordo com classificações técnico-científicas e legislativas, tais animais passam a viver junto aos humanos por meio de relações ecológicas que podem gerar problemas tanto para as pessoas quanto para animais domésticos. É o caso de ratos e pombos, altamente adaptados ao meio urbano e vinculados ao comensalismo e à suposta disseminação de doenças.

Moreno percorre a infraestrutura do Porto e seus *gates* (portões de chegada de navios), destacando os aspectos multissensoriais: a presença de rastros e vestígios, assim como sua “ausência presente”, ligada à mobilização de programas de controle, técnicas e políticas voltados às espécies. O programa de controle e inspeção consiste em três frentes principais: 1) barreiras físicas, com instalação de telas e fios tensores para restringir o acesso dos pombos a determinados espaços; 2) barreiras químicas, como géis e tintas repelentes aplicados nas estruturas, causando incômodo às aves ao pousarem; e 3) barreiras sonoras, baseadas na emissão de pulsos eletromagnéticos que afastam os pombos sem incomodar os humanos.

As fezes que marcam o chão e determinadas áreas do porto, assim como o odor que exalam, são associadas à condição de perigo à saúde humana, devido à possibilidade de contaminação por patógenos – percepção recorrente no discurso dos funcionários da Codesp. Nesse sentido, as aves passam a ser tratadas como “reservatório de doenças e zoonoses”, o que desperta políticas sanitárias de controle e inspeção, vinculando seu estatuto e suas classificações à própria infraestrutura portuária. Assim, os pombos permanecem em uma presença-ausente: mesmo quando não estão visíveis, multiplicam-se por meio de rastros e vestígios na ecologia do porto, sinalizando perigo de transmissão de doenças e afirmando-se como signos e agentes.

No segundo capítulo, são abordados os incômodos sentidos pelos trabalhadores do porto, sobretudo relacionados aos dejetos – as “cagadas” –, que revelam a tensão entre o limpo e o sujo e suas possíveis doenças. As aves são enquadradas epidemiologicamente como fauna sinantrópica, embora muitos interlocutores não soubessem precisar quais doenças estariam em jogo. As questões de biossegurança suscitadas pelos animais envolvem não apenas indivíduos, mas a condição de espécie e de grandes bandos que escapam às leis do Estado, da saúde pública e da segurança. Quando instituições classificam os animais como “pragas”, acabam mobilizando o imaginário biopolítico segundo o qual esses animais, no limite, “tornam-se matáveis” (Haraway, 2008), por implicarem noções de desordem, perigo e sujeira. Ainda que indesejados, seu abate configura crime ambiental, sujeito à fiscalização do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis).

Os voos dos pombos também conduziram a antropóloga às mercadorias escoadas no local, em especial uma das grandes commodities nacionais: a soja. Como afirmam os trabalhadores: “enquanto tiver comida [soja], eles vêm” (Moreno, 2024, p. 103). Os grãos constituem forte atrativo para as aves e, quando espalhados nas pistas, fazem-nas pousar e se aglomerar. Nessas situações, trabalhadores e motoristas procuram não atingir os animais, a fim de evitar acidentes, já que a própria soja derramada dos contêineres torna o piso escorregadio e propício a fatalidades. De certo modo, a própria soja produz incômodos, pois está emaranhada às aves: ainda que seja rapidamente limpa do chão e de outros locais, não elimina a presença dos pombos.

Sarah Moreno aponta que a proliferação das aves está historicamente associada à própria existência do Porto, o que o torna também uma presença incômoda – sobretudo pelo histórico de epidemias, pela chegada de “imigrantes indesejados” e “doenças”, além de ser considerado uma zona “perigosa”, vinculada à “sujeira”, ao crime e à prostituição. Mais recentemente, outro ponto de tensão é que o Porto seria responsável por prejudicar

a “beleza” das praias, com seus enormes navios e a sujeira que circula, mesmo sendo de grande importância econômica para a cidade e seus habitantes.

Assim, os pombos tecem alianças com o Porto de modo a se proliferarem, abrindo uma “multiplicidade ontológica”. Como afirma Moreno (2024, p. 123), “o porto, assim como os pombos, parece abrigar uma multiplicidade ontológica que se faz visível à medida que se rotaciona e se olha de diferentes ângulos – como as várias faces de um prisma”. Se a ecologia e a ontologia do Porto parecem abarcar esses sujeitos “indesejados”, eles são tolerados dentro de políticas de controle e biossegurança.

No último capítulo, a pergunta “o que pode um pombo?” retorna ao abordar os encontros que envolvem os pombos e suas capacidades de afetar e serem afetados em comunidades multiespecíficas. As aves são atravessadas por distintas classificações em relação aos humanos, o que desdobra o questionamento para: afinal, o que pode ser um pombo? (Ênfase da autora). Moreno parte da condição de agente-signo atribuída aos animais e de seus encontros controversos, analisados em notícias da imprensa local e global. Nelas, os pombos aparecem como “perigosos” e “pragas”, mobilizando medidas de redução populacional associadas ao tema das zoonoses. Em alguns contextos, foram abatidos ou envenenados, em resposta a uma convivência incômoda e a uma compreensão segundo a qual as aves estariam fora de seu “lugar” natural, perturbando as paisagens.

Conforme aponta Ciméa Bevilacqua (2013), termos como “praga” e “espécies invasoras” constituem adjetivos que implicam uma reelaboração do conceito biológico de espécie e legitimam formas de intervenção política em suas condições de existência, mediante suas agências multiespecíficas e as políticas da natureza em contextos específicos. Nesse sentido, é interessante pensar como essas “pragas” podem ser vistas como inimigos que penetram e se disseminam no território nacional, associadas à demanda por leis, instituições e funcionários para implementá-las (Bevilacqua, 2013; Sordi, 2015). Assim, elas não apenas se vinculam a uma infraestrutura que cria relações de domesticidade, mas também atuam como “arquiteturas contra a invasão” (Fanaro, 2021), na tentativa de manter a divisão dentro/fora – neste caso, ao procurar afastar os pombos do Porto.

Em outros momentos, porém, os pombos são evocados por afetos distintos, que remetem a formas de convivência “pacífica” com humanos – como em Veneza, onde são alimentados por transeuntes, ou em uma praça de Teresina (PI), reabilitada pelas interações com as aves. Um caso notável ocorreu na Bienal de Veneza, quando dois artistas coloriram os pombos da Praça São Marcos com tintas atóxicas para chamar atenção para sua identidade, tornando-os, assim, mais aceitos pelas pessoas. Moreno também menciona as relações entre as aves e a fotografia, a partir da observação de Alyson Montrezol, docente

do curso de Cinema e Audiovisual do Centro Universitário São Judas Tadeu – Campus Unimonte, que vê nos voos dos pombos uma forma de terapia e uma maneira de conectar céu e terra, o visível e o invisível.

O capítulo explora, portanto, as possibilidades de pensar os pombos a partir de formas estéticas e de outros modos de existência e convivência entre humanos e aves, sustentando que “[...] não são os agentes quem definem as relações a priori, mas os agentes se fazem em relação: pombos e humanos se co-constituem em seus limiares de afetos, em seus limiares do que podem” (Moreno, 2024, p. 142).

Ao focar nos emaranhamentos aviários no Porto de Santos, o livro propõe uma leitura do mundo dos pombos e de suas relações com base em padrões arraigados de “excepcionalismo humano” – que pressupõem a separação entre o humano e a “natureza” ou, neste caso, entre a infraestrutura portuária e os outros animais considerados “nocivos”. Um dos grandes méritos da antropóloga é justamente voltar sua atenção às múltiplas maneiras pelas quais as aves estão enredadas com humanos e com as paisagens – como indivíduos, como comunidade multiespecífica e como espécie –, implicando-se mutuamente na vida uns dos outros.

Prestar atenção a esses emaranhamentos aviários é, assim, uma tentativa de desestabilizar as estruturas do excepcionalismo humano e provocar novos tipos de perguntas sobre “o que pode um pombo”. Em última análise, o livro se preocupa com amplas questões de ética: que tipos de relacionamentos entre pombos, humanos e o Porto são possíveis hoje? O que significa viver junto com pombos? E que obrigações temos ao buscar manter o espaço aberto no mundo para outros seres vivos?

Referências

Bevilaqua, Ciméa. (2013). Espécies invasoras e fronteiras nacionais: uma reflexão sobre limites do estado. *Revista Antropológicas*, 24(1), pp. 104-123.

Fanaro, Luisa Amador. (2021). Arquiteturas da domesticação, arquiteturas contra a invasão: cães ferais e paisagens reconfiguradas no Cone Sul (Brasil, Chile e Argentina). *Revista Ñanduty*, 9(13), pp. 152-177.

Haraway, Donna. (2008). *When species meet*. Minnesota: University of Minnesota Press.

Kirksey, Eben; Helmreich, Stefan. (2020). A emergência da etnografia multiespécies. R@U - *Revista de Antropologia da UFSCar*, 12 (2), pp. 273–307.

Rose, Deborah; van Dooren, Thom. (2011). Unloved others: Death of the disregarded in the time of extinctions. *Australian Humanities Review*, 50 (special issue), pp. 1-4.

Sordi, Caetano. (2015). Guerra ao javali: invasão biológica, feralização e domesticação nos campos sulinos. *R@U - Revista de Antropologia da UFSCar*, 5(1), pp. 59-77.

Tsing, Anna Lowenhaupt. (2015). *The mushroom at the end of the world: On the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton University Press.

van Dooren, Thom. (2014). *Flight Ways: Life and Loss at the Edge of Extinction*. New York: Columbia University Press.

van Dooren, Thom; Kirksey, Eben; Munster, Ursula. (2016). Multispecies studies: Cultivating arts of attentiveness. *Environmental Humanities*, 8 (1), pp. 1-23.

Recebido em 05 de fevereiro de 2025.

Aceito em 16 de abril de 2025.